

O FUTURO DA FILOSOFIA*

Moritz Schlick

O estudo da história da filosofia é talvez a mais fascinante busca para qualquer um que esteja interessado em compreender a civilização e a cultura da espécie humana, pois todos os diferentes elementos da natureza do homem que ajudam a constituir a cultura de uma certa época ou de uma nação refletem-se, de uma maneira ou de outra, na filosofia daquela época ou daquela nação.

A história da filosofia pode ser estudada de dois pontos de vista distintos. O primeiro ponto de vista é o do historiador; o segundo, o do filósofo. Cada um abordará o estudo da história da filosofia com diferentes percepções. O historiador será exortado pelas grandes obras dos pensadores de todos os tempos, pelo espetáculo da imensa energia mental e imaginação, zelo e abnegação que eles devotaram às suas criações. O historiador derivará seu maior contentamento de todas essas realizações. O filósofo, obviamente, quando estuda a história da filosofia, sente, também, grande júbilo, e ele não pode evitar a inspiração da fantástica mostra de genialidade ao longo de todas as eras. Porém, tendo em vista a maneira como a filosofia se apresenta a ele, o filósofo não será capaz de regozijar-se com os mesmos sentimentos do historiador. Ele não será capaz de admirar os pensamentos dos tempos antigos e modernos sem ser perturbado por sentimentos de natureza inteiramente distinta.

O filósofo não pode ficar satisfeito em perguntar, como o historiador perguntaria de todos os sistemas de pensamento: são belos, são brilhantes, são historicamente importantes? A única questão que interessará ao filósofo é: que verdade existe nesses sistemas? E, no momento em que pergunta isso, ele será desencorajado quando olha para a história da filosofia, porque, como todos sabem, há tanta contradição entre os vários sistemas – tanta disputa e rivalidade entre as diferentes opiniões que eles têm apresentado, em diferentes períodos, por diferentes filósofos pertencentes a diferentes nações – que parece, a princípio, quase impossível acreditar que exista qualquer coisa como um avanço constante na história da filosofia, como parece haver em outras buscas da mente humana, por exemplo, na ciência ou na técnica.

A pergunta que iremos fazer hoje é: o caos que existiu até aqui continuará a existir no futuro? Continuarão os filósofos a contradizer-se uns aos outros, ridicularizando as opiniões

* Tradução de Leonardo de Mello Ribeiro, doutorando em Filosofia na University of Sheffield.

uns dos outros, ou, finalmente, haverá algum tipo de concordância universal, uma unidade de crença filosófica no mundo?

Todos os grandes filósofos acreditaram que, com seus próprios sistemas, uma nova época de pensamento se iniciava, que, ao menos, eles haviam descoberto a verdade final. Se não tivessem acreditado nisso, dificilmente poderiam ter realizado qualquer coisa. Isso é verdadeiro sobre Descartes, por exemplo, quando ele introduziu o método que o tornou “o pai da filosofia moderna”, como ele é freqüentemente chamado; sobre Spinoza, quando este tentou introduzir o método matemático na filosofia; ou ainda sobre Kant, quando este disse, no prefácio de sua maior obra, que dali em diante a filosofia poderia começar a trabalhar tão seguramente quanto a ciência, a única disciplina que assim o fizera até então. Todos eles acreditaram que eram capazes de levar ao fim o caos e começar algo inteiramente novo que produziria, por fim, uma ascensão na validade das opiniões filosóficas. Mas, o historiador não pode, freqüentemente, partilhar uma tal crença; isso pode mesmo parecer ridículo a ele.

Queremos colocar a questão “qual será o futuro da filosofia?” inteiramente do ponto de vista do filósofo. Entretanto, para responder a essa pergunta teremos de usar o método do historiador porque não seremos capazes de dizer qual será o futuro da filosofia exceto na medida em que nossas conclusões sejam derivadas do nosso conhecimento do seu passado e do seu presente.

O primeiro efeito de uma consideração histórica das opiniões filosóficas é que estamos certos de que não podemos confiar no sistema de ninguém. Se isso é assim – se não podemos ser cartesianos, spinozistas, kantianos, e assim por diante – parece que a única alternativa é que nos tornemos céticos, e nos tornemos inclinados a acreditar que não pode haver nenhum sistema verdadeiro de filosofia, porque se houvesse um tal sistema, parece que, ao menos, ele teria se mostrado de alguma maneira. Quando examinamos a história da filosofia honestamente é como se não houvesse vestígios de qualquer descoberta que poderia nos conduzir a uma opinião filosófica unânime.

De fato, essa inferência cética tem sido traçada por muitos bons historiadores, e mesmo alguns filósofos têm chegado à conclusão de que não existe uma tal coisa como avanço filosófico, e que a filosofia ela própria nada é senão a história da filosofia. Essa posição foi defendida por mais de um filósofo no início do século e tem sido chamada de “historicismo”. Que a filosofia consiste apenas de sua própria história é uma estranha posição a adotar, mas ela tem sido advogada com argumentos aparentemente contundentes. Entretanto, não nos encontraremos compelidos a adotar uma tal posição cética.

Consideramos, até aqui, duas alternativas possíveis nas quais alguém pode acreditar. Em primeiro lugar, que a verdade última está realmente apresentada em algum sistema de filosofia, e, em segundo lugar, que não existe absolutamente filosofia, mas apenas uma história do pensamento. Não proporei escolher nenhuma dessas duas alternativas; mas gostaria de propor uma terceira posição que nem é cética nem é baseada na crença de que pode haver algum sistema de filosofia como um sistema de verdades últimas. Pretendo adotar uma posição inteiramente diferente da filosofia e é, obviamente, minha opinião que essa visão da filosofia será, em algum momento do futuro, adotada por todos. De fato, pareceria estranho a mim se a filosofia, a mais nobre das buscas intelectuais, a grandiosa realização humana que tem sido chamada, tão freqüentemente, de “a rainha de todas as ciências” não fosse absolutamente outra coisa senão uma grande decepção. Assim, parece provável que uma terceira posição possa ser encontrada por uma análise cuidadosa, e acredito que essa posição que apresentarei aqui fará total justiça a todos os argumentos céticos contra a possibilidade de um sistema filosófico, e, apesar disso, não impedirá a filosofia de sua nobreza e grandeza.

Obviamente, o mero fato de que, até aqui, os grandes sistemas de filosofia não foram bem sucedidos, e não têm sido capazes de obter reconhecimento geral, não é suficiente razão para que não haja algum sistema filosófico descoberto no futuro que seria universalmente considerado como a solução última do problema maior. Poder-se-ia esperar, efetivamente, isso acontecer caso a filosofia fosse uma “ciência”. Pois, na ciência, observamos continuamente que soluções satisfatórias inesperadas são encontradas para grandes problemas, e quando não é possível ver claramente em algum ponto particular sobre uma questão científica, não perdemos as esperanças. Acreditamos que cientistas futuros serão mais afortunados e descobrirão o que falhamos em descobrir. Porém, nesse aspecto revela-se a grande diferença entre filosofia e ciência. A ciência apresenta um desenvolvimento gradual. Não existe a menor dúvida de que a ciência tem avançado e continua a avançar, apesar de algumas pessoas falarem com ceticismo da ciência. Não pode ser seriamente posto em dúvida, por um instante sequer, que conhecemos muito mais sobre a natureza, por exemplo, do que as pessoas que viviam nos primeiros séculos conhecidos. Existe inquestionavelmente algum tipo de avanço apresentado pela ciência; mas, se formos perfeitamente honestos, um tipo similar de avanço não pode ser descoberto na filosofia.

As mesmas grandes questões que são discutidas atualmente foram discutidas no tempo de Platão. Quando, em um momento, parecia que uma certa questão estava definitivamente resolvida, mais tarde a mesma questão vinha à tona novamente e tinha de ser rediscutida e reconsiderada. É uma característica do trabalho do filósofo que ele sempre tem de começar

novamente do início. Ele nunca toma nada por pressuposto. Ele sente que toda solução para qualquer problema filosófico não é certa ou segura o suficiente, e ele percebe que deve começar tudo de novo para resolver o problema. Existe, então, essa diferença entre a ciência e a filosofia que nos torna bastante céticos sobre qualquer avanço futuro da filosofia. Não obstante, poderíamos acreditar que os tempos podem mudar, e que poderíamos possivelmente encontrar o sistema filosófico verdadeiro. Mas, essa esperança é vã, pois podemos encontrar razões por que a filosofia fracassou, e deve fracassar, em produzir os resultados recentes que a ciência produziu. Se essas razões são boas, então nos justificaremos por não confiar em qualquer sistema de filosofia, e por acreditar que nenhum dito sistema se apresentará no futuro.

Deixe-me dizer, ao mesmo tempo, que essas razões não residem na dificuldade dos problemas com os quais a filosofia lida; nem devem ser buscadas na fraqueza e incapacidade do entendimento humano. Se elas residissem aí, poderia ser facilmente concebido que o entendimento e a razão humanos poderiam desenvolver-se, que se não somos inteligentes o suficiente agora, nossos sucessores poderiam o ser para desenvolver um sistema. Não. A real razão deve ser encontrada em um curioso equívoco e incompreensão da natureza da filosofia; ela reside na falha em distinguir entre a atitude científica e a atitude filosófica. Ela reside na idéia de que a natureza da filosofia e da ciência é mais ou menos a mesma, que ambas consistem de sistemas de proposições verdadeiras sobre o mundo. Na realidade, a filosofia nunca pode ser um sistema de proposições e é, portanto, bastante diferente da ciência. O próprio entendimento da relação entre, por um lado, a filosofia e, por outro, a ciência é, penso, a melhor maneira de captar a natureza da filosofia. Iniciaremos, portanto, com uma investigação dessa relação e seu desenvolvimento histórico. Isso nos fornecerá os fatos necessários para predizer o futuro da filosofia. O futuro, obviamente, é sempre uma questão de conjuntura histórica, porque pode ser calculado apenas a partir das experiências passadas e presentes. Então, perguntamos agora: o que tem sido concebida como a natureza da filosofia em comparação com a das ciências? E como tem se desenvolvido no curso da história?

Nos seus primórdios, como talvez vocês saibam, a filosofia foi considerada simplesmente como um outro nome para a “busca da verdade” – ela era idêntica à ciência. Os homens que buscavam a verdade para seu próprio bem eram chamados de filósofos, e não havia distinção entre os homens de ciência e os filósofos.

Uma pequena mudança nessa situação foi efetuada por Sócrates. Sócrates, poder-se-ia dizer, desdenhou da ciência. Ele não acreditava em todas as especulações da astronomia e da estrutura do universo com as quais os primeiros filósofos eram condescendentes. Ele

acreditava que ninguém poderia obter qualquer conhecimento certo sobre essas questões e restringia suas investigações à natureza do caráter humano. Ele não era um homem de ciência, ele não tinha confiança nela, e, apesar disso, todos nós reconhecemos nele um dos maiores filósofos que já existiram. Entretanto, não foi Sócrates que criou o antagonismo que encontramos mais tarde, entre a ciência e a filosofia. De fato, seus sucessores combinaram muito bem o estudo da natureza humana com a ciência das estrelas e do universo.

A filosofia permaneceu unida às várias ciências até gradualmente as últimas se separarem da filosofia. Nesse percurso, a matemática, a astronomia, a mecânica e a medicina, possivelmente, tornaram-se independentes, uma após a outra, e uma diferença entre a filosofia e a ciência foi estabelecida. Não obstante, algum tipo de unidade ou identidade entre as duas persistiu, poder-se-ia dizer, até quase os tempos atuais, i. e. até o século XIX. Mesmo atualmente, algumas cadeiras universitárias de física teórica são oficialmente intituladas cadeiras de “filosofia natural”.

Foi, também, no século XIX, que o real antagonismo surgiu, com um certo sentimento de inimizade desenvolvendo-se por parte do filósofo em relação ao cientista, e do cientista em relação ao filósofo. Esse sentimento floresceu quando a filosofia afirmou possuir um método mais nobre e melhor de descoberta da verdade do que o método científico da observação e experimentação. Na Alemanha, no início do século XIX, Schelling, Fichte e Hegel acreditavam que havia algum tipo de “percurso real”, que conduzisse à verdade, reservado ao filósofo, enquanto que o cientista caminhava pelo solo do método vulgar e bastante tedioso da experimentação, que requeria meramente uma enorme técnica mecânica. Pensavam que poderiam atingir a mesma verdade que o cientista tentava alcançar, mas que os filósofos poderiam descobri-la de um modo muito mais simples, tomando um atalho, o qual era reservado apenas às mentes superiores, ao gênio filosófico. Entretanto, não falarei sobre isso porque pode ser considerado, penso, como tendo sido suplantado.

Porém, existe uma outra posição que tentou distinguir a ciência da filosofia, ao dizer que a filosofia lidava com as verdades mais gerais que poderiam ser conhecidas sobre o mundo, e que a ciência lidava com as verdades mais particulares. É essa última posição sobre a natureza da filosofia que devo discutir brevemente agora, na medida em que ela nos ajudará a compreender o que virá a seguir.

Essa opinião de que a filosofia é a ciência que lida com as verdades mais gerais que não pertencem ao campo de qualquer ciência especial é a posição mais comum encontrada em todos os manuais recentes; ela foi adotada pela maior parte dos filósofos dos dias atuais. Acredita-se, geralmente, que se, por exemplo, a química preocupa-se com as proposições

verdadeiras sobre os diferentes componentes químicos, e a física, com a verdade sobre o comportamento físico (dos objetos, da matéria), então, a filosofia lida com as questões mais gerais acerca da natureza desses temas. Similarmente, se a História investiga as várias cadeias de acontecimentos singulares que determinam o destino da espécie humana, então, supõe-se que a filosofia (como “filosofia da história”) descubra os princípios gerais que governam todos esses acontecimentos.

Dessa forma, acredita-se que a filosofia, concebida como a ciência que lida com as verdades mais gerais, nos forneça o que poderia ser chamado de uma imagem universal do mundo, uma visão geral de mundo em que todas as diferentes verdades das ciências especiais encontram seus lugares e são unidas em uma única imagem – um objetivo que as próprias ciências especiais são ditas como incapazes de alcançar, pois as mesmas não são gerais o bastante e preocupam-se apenas com as características particulares e com as partes do todo maior.

Essa “visão sinóptica” da filosofia, sustentando que esta é também uma ciência, apenas uma de caráter mais geral do que as ciências especiais, tem levado, parece-me, a uma terrível confusão. Por um lado, ela atribui ao filósofo o caráter de cientista. Ele senta-se em sua biblioteca, ele consulta inumeráveis livros, ele trabalha em sua mesa e estuda várias opiniões de muitos filósofos, como um historiador compararia suas diferentes fontes, ou como um cientista faria enquanto engajado em alguma busca particular em qualquer domínio especial de conhecimento; ele tem todo o comportamento de um cientista e realmente acredita que está utilizando-se, de alguma maneira, do método científico, embora apenas assim o fazendo em uma escala mais geral. Ele considera a filosofia como uma ciência mais elevada e muito mais nobre do que todas as outras, mas não como essencialmente distinta delas.

Por outro lado, com essa imagem em mente do filósofo, encontramos um grande contraste quando atentamos para os resultados que têm sido produzidos pelo trabalho filosófico desenvolvido dessa maneira. Há toda uma similaridade externa entre o cientista e o modo de trabalho do filósofo, mas não há similaridade de resultados. Os resultados científicos continuam a desenvolver-se, combinando-se com outras realizações, e recebendo reconhecimento geral, mas não existe tal coisa a ser descoberta no trabalho do filósofo.

O que devemos pensar desse problema? Ele levou a resultados bastante curiosos e ridículos. Quando abrimos um manual de filosofia ou quando vemos uma das maiores obras de um filósofo atual, freqüentemente encontramos uma imensa soma de energia devotada à tarefa de estabelecer o que é a filosofia. Não encontramos isso em qualquer das outras ciências. Físicos ou historiadores não têm de despender páginas para estabelecer o que são a

física e a história. Mesmo aqueles que concordam que a filosofia é, de alguma maneira, o sistema das verdades mais gerais, explicam essa generalidade de maneiras bastante diferentes. Não entrarei em detalhes a respeito dessas definições variáveis. Deixe-me apenas mencionar que alguns dizem que a filosofia é “a ciência dos valores” por que acreditam que as questões mais gerais às quais todas as perguntas, em última instância, conduzem, relacionam-se, de alguma forma, com o valor. Outros dizem que é a epistemologia, i. e. a teoria do conhecimento, porque supõe-se que a teoria do conhecimento lida com os princípios mais gerais, sob os quais todas as verdades particulares repousam. Uma das conseqüências freqüentemente extraídas, pelos defensores da posição que estamos discutindo, é que a filosofia é ou em parte ou inteiramente metafísica. E supõe-se que a metafísica é algum tipo de estrutura construída sobre e permanecendo parcialmente sobre a estrutura da ciência, mas edificada em alturas soberbas que estão muito além do alcance de todas as ciências e da experiência.

Percebemos, de tudo isso, que, mesmo aqueles defensores da definição da filosofia como a ciência mais geral, não podem concordar quanto a sua natureza essencial. Isso é, certamente, um pouco ridículo, e daqui a uns cem ou mil anos algum futuro historiador considerará muito curioso que a discussão sobre a natureza da filosofia foi tomada tão seriamente em nossos dias. Deve haver algo de errado quando uma discussão conduz a uma tal confusão. Existem também muitas razões positivas claras por que a “generalidade” não pode ser usada como a característica que distingue a filosofia das ciências especiais; não me alongarei nesse assunto, mas tentarei alcançar uma conclusão positiva de maneira breve.

Quando, acima, mencionei Sócrates, observei que seus pensamentos eram, em um certo sentido, opostos às ciências naturais; sua filosofia, portanto, certamente não era idêntica às ciências, e não era a mais geral delas. Era, em vez disso, um tipo de “Sabedoria de Vida”. Mas, a característica importante que devemos observar, para compreender sua atitude particular, assim como a natureza da filosofia, é que essa sabedoria que lida com a natureza humana e com o comportamento humano consiste, essencialmente, de um método especial, diferente do método da ciência e, portanto, não conduzindo a quaisquer resultados “científicos”.

Todos de vocês provavelmente leram alguns dos diálogos de Platão, nos quais ele apresenta Sócrates como fazendo perguntas, dando respostas e sendo questionado. Se observarem o que era realmente feito – ou o que Sócrates tentava fazer –, descobrirão que ele freqüentemente não chegava a certas verdades específicas, que poderiam aparecer ao final do diálogo, mas toda a investigação era conduzida pelo propósito primário de tornar claro o que

se queria dizer quando certas questões eram perguntadas ou quando certas palavras eram usadas. Em um dos diálogos platônicos, por exemplo, Sócrates pergunta “o que é a justiça?”; ele recebe várias respostas ao seu questionamento, e, em seguida, pergunta o que se queria dizer com essas respostas, por que uma palavra particular foi usada dessa ou daquela maneira, e constantemente ocorria que seu discípulo ou oponente não estava totalmente certo sobre sua própria opinião. Em resumo, a filosofia de Sócrates consiste do que podemos chamar de “a busca pelo significado (sentido)”. Ele tentava esclarecer o pensamento, ao analisar o significado de nossas expressões e o sentido real de nossas proposições.

Aqui, então, encontramos um contraste definido entre seu método filosófico, que tem como seu objeto a descoberta do significado, e o método das ciências, que tem como objeto a descoberta da verdade. Antes de prosseguir, deixe-me enunciar breve e claramente que acredito que a “Ciência” deve ser definida como a “busca pela verdade” e a “Filosofia” como “a busca pelo significado”. Sócrates estabeleceu o exemplo do verdadeiro método filosófico para todos os tempos. Entretanto, explicarei esse método a partir do ponto de vista contemporâneo.

Quando fazemos um enunciado sobre qualquer coisa, fazemo-lo através do pronunciamento de uma sentença e a sentença substitui (está no lugar de) a proposição. Essa proposição é ou verdadeira ou falsa; mas, antes que possamos saber ou decidir se ela é verdadeira ou falsa, devemos saber o que essa proposição diz. Primeiramente, devemos conhecer o significado da proposição. Após conhecermos seu sentido, podemos ser capazes de determinar se ela é verdadeira ou falsa. Obviamente, essas duas coisas estão inseparavelmente conectadas. Não posso descobrir a verdade sem conhecer o significado, e se conheço o significado da proposição, conhecerei, ao menos, o início de algum percurso que me levará à descoberta da verdade ou falsidade da proposição, ainda que eu seja incapaz descobri-la no presente. É minha opinião que o futuro da filosofia depende dessa distinção entre a descoberta do sentido e a descoberta da verdade.

Como decidimos qual é o sentido de uma proposição, ou o que queremos dizer com uma sentença que é dita, escrita ou impressa? Tentamos apresentar a nós mesmos a significância das diferentes palavras que aprendemos a usar, e, então, esforçamo-nos por descobrir sentido na proposição. Às vezes, podemos fazer isso, outras vezes, não; o último caso ocorre, infelizmente, mais freqüentemente com proposições que se supõe serem “filosóficas”. Mas como podemos estar totalmente certos de que conhecemos e compreendemos o que queremos dizer quando fazemos uma afirmação? Qual é o critério último do seu sentido? A resposta é essa: conhecemos o significado de uma proposição

quando somos capazes de indicar exatamente as circunstâncias sob as quais ela seria verdadeira (ou, o que é o mesmo, as circunstâncias que a tornariam falsa). A descrição dessas circunstâncias é absolutamente a única maneira em que o significado de uma sentença pode tornar-se claro. Após ele ter se tornado claro, podemos continuar a procurar pelas circunstâncias atuais (reais) no mundo e decidir se elas tornam nossa proposição verdadeira ou falsa. Não há diferença vital entre as maneiras pelas quais decidimos sobre a verdade e a falsidade na ciência e na vida cotidiana. A ciência desenvolve-se dos mesmos modos que se desenvolve o conhecimento na vida cotidiana. O método de verificação é essencialmente o mesmo; apenas os fatos através dos quais os enunciados científicos verificam-se são freqüentemente mais difíceis de se observar.

Parece evidente que um cientista ou um filósofo, quando propõe uma proposição, deve necessariamente saber do que está falando antes de continuar a buscar pela verdade daquela. Mas, é digno de nota que constantemente tenha ocorrido na história do pensamento humano que intelectuais tenham tentado investigar se uma certa proposição era verdadeira ou falsa, sem, anteriormente, estar claro o significado da mesma, antes de terem um conhecimento efetivo daquilo que desejavam investigar. Às vezes, tem sido esse o caso mesmo em investigações científicas, cujos exemplos citarei brevemente. E tem sido sempre o caso na filosofia tradicional. Como enunciei, o cientista tem duas tarefas. Ele deve descobrir a verdade de uma proposição e deve também descobrir o significado da mesma, ou este deve ser encontrado para ele – embora ele seja sempre capaz de descobri-lo por conta própria. Quando o cientista descobre o significado, que está velado, de uma proposição que ele usa em sua ciência, ele está sendo um filósofo. Todos os grandes cientistas forneceram exemplos fantásticos desse método filosófico. Eles descobriram o significado real de palavras que eram usadas, corriqueiramente, nos primórdios da ciência, mas, das quais ninguém jamais fornecera uma explicação específica e perfeitamente clara. Quando Newton descobriu o conceito de “massa”, ele estava efetivamente sendo, naquele momento, um filósofo. O maior exemplo desse tipo de descoberta nos tempos modernos é a análise de Einstein do significado da palavra “simultaneidade”, tal como ela é usada na física. Continuamente, algo está acontecendo “ao mesmo tempo” em Nova York e São Francisco; e embora as pessoas sempre pensassem que sabiam perfeitamente bem o que queria dizer um tal enunciado, Einstein foi o primeiro que o tornou realmente claro e abandonou certas suposições injustificadas acerca do tempo, que haviam sido feitas sem ninguém estar efetivamente ciente das mesmas. Essa foi uma realização filosófica real – a descoberta do significado através de um esclarecimento lógico de uma proposição. Eu poderia fornecer mais exemplos, mas, talvez, esses dois sejam

suficientes. Percebemos que o significado e a verdade estão conectados pelo processo de verificação; mas o primeiro é descoberto por mera reflexão, sobre circunstâncias possíveis no mundo, enquanto que o segundo é alcançado pela descoberta real da existência ou não-existência dessas circunstâncias. A reflexão, no primeiro caso, é o método filosófico que o procedimento dialético de Sócrates forneceu-nos o exemplo mais singular.

Com base no que foi dito até aqui, poderia parecer que a filosofia teria de ser definida simplesmente como a ciência do significado, como, por exemplo, a astronomia é a ciência dos corpos celestes, ou a zoologia a ciência dos animais, e que a filosofia seria uma ciência exatamente como as outras ciências, apenas seu objeto de investigação seria diferente, a saber, o “significado”. Esse é o ponto de vista adotado em um livro excelente, *The practice of philosophy*, de Susanne K. Langer. A autora percebeu claramente que a filosofia relaciona-se com a busca do significado, mas ela acredita que essa busca pode conduzir a uma ciência, a um “conjunto de proposições verdadeiras” – pois esta é a correta interpretação do termo “ciência”. A física nada é senão um sistema de verdades sobre os corpos físicos. A astronomia é um conjunto de proposições verdadeiras sobre os corpos celestes, etc.

Mas, nesse caso, a filosofia não é uma ciência. Não pode haver uma ciência do significado, porque não pode haver qualquer conjunto de proposições verdadeiras sobre o significado. A razão para tal é que, para chegar ao significado de uma sentença ou de uma proposição, devemos ir para além das proposições. Pois, não podemos esperar explicar o significado de uma proposição meramente apresentando uma outra proposição. Quando pergunto a alguém “qual é o significado disso ou daquilo?”, ele deve responder com uma sentença que tentaria descrever o significado. Mas, ele não pode, em última instância, ser bem sucedido nisso, pois sua sentença (resposta) seria outra proposição e me seria perfeitamente legítimo perguntar “o que você quer dizer com isso?”. Talvez continuássemos a definir o que ele quis dizer usando diferentes palavras, e repetindo seu pensamento seguidas vezes, utilizando-nos de novas sentenças. E eu poderia sempre continuar a perguntar “mas, o que essa nova proposição quer dizer?”. Como vocês podem perceber, nunca haveria um fim para esse tipo de questionamento, o significado nunca poderia ser esclarecido se não houvesse uma outra maneira de chegar até ele que não uma série de proposições.

Um exemplo tornará claro o que foi dito acima, e acredito que vocês entenderão tudo imediatamente. Quando vocês se deparam com uma palavra difícil, sobre a qual desejam saber o significado, vocês a pesquisam no dicionário ou enciclopédia. A definição da palavra é dada em vários termos. Se ocorre de não conhecerem esse termos, então vocês os pesquisam. Entretanto, esse procedimento não pode continuar indefinidamente. Por fim, vocês

chegam aos muitos termos simples, dos quais não encontrarão explicação no dicionário ou enciclopédia. Quais são esses termos? São os termos que não podem ser definidos além daquilo que está ali (no dicionário ou enciclopédia). Vocês reconhecem que existem esses termos. Se digo, e. g., que a tonalidade da lâmpada é amarela, vocês poderiam questionar-me pela descrição do que quero dizer com “amarelo” – e eu não poderia fazer isso. Eu seria totalmente incapaz de explicar isso por meio de quaisquer sentenças ou palavras. Se vocês nunca tivessem visto “o amarelo” e eu não estivesse em posição de mostrar -lhes qualquer exemplo de cor amarela, seria absolutamente impossível, para mim, tornar claro o que eu quis dizer quando enunciei aquela palavra. E o cego, obviamente, nunca seria capaz de compreender o que a palavra significa ou substitui.

Todas as nossas definições devem terminar com alguma demonstração, com alguma atividade. Da mesma forma que posso chegar ao significado de uma palavra que denota uma cor mostrando a própria cor, podem existir certas palavras cujos significados alguém pode descobrir por meio de certas atividades mentais. É impossível definir uma cor – ela deve ser mostrada. A reflexão de algum tipo é necessária, e, assim, podemos compreender o uso de certas palavras. Devemos refletir, talvez, sobre a maneira pela qual aprendemos essas palavras, e existem muitas maneiras de reflexão que tornam claro para nós o que queremos dizer com várias proposições. Pensem, por exemplo, no termo “simultaneidade”, como eventos ocorrendo em diferentes lugares. Para se descobrir o que realmente quer se dizer com o termo, temos de promover uma análise da proposição e descobrir como a simultaneidade de eventos, ocorrendo em diferentes lugares, é realmente determinada, como foi feita por Einstein; devemos atentar para certos experimentos atuais (reais) e observações. Isso conduziria ao fato de que as atividades filosóficas nunca podem ser substituídas ou expressas por um conjunto de proposições. A descoberta do significado de qualquer proposição deve, em última instância, ser produzido por algum ato, algum procedimento imediato, por exemplo, mostrar “o amarelo”; isso não pode ser dado em uma proposição. A filosofia, a “busca do significado”, portanto, não pode consistir de proposições; ela não pode ser uma ciência. A busca do significado nada é senão um tipo de atividade mental.

Nossa conclusão é que a filosofia foi mal interpretada quando se pensava que os resultados filosóficos poderiam ser expressos em proposições, e que poderia haver um sistema de filosofia consistindo de um sistema de proposições que figurariam como respostas às questões filosóficas. Não há verdades filosóficas que portariam a solução de problemas filosóficos específicos, mas a filosofia tem a tarefa de descobrir o significado de todos os problemas e suas soluções. Ela deve ser definida como a atividade de busca pelo significado.

A filosofia é uma atividade, não uma ciência, mas essa atividade, obviamente, está continuamente em curso em toda ciência específica, porque antes das ciências poderem descobrir a verdade ou a falsidade de uma proposição, elas devem obter o significado da mesma. E, às vezes, no curso do trabalho científico, as ciências são surpreendidas ao descobrir, em função dos resultados contraditórios obtidos, que elas usavam palavras sem um significado perfeitamente claro e, então, elas devem voltar-se para a atividade filosófica de esclarecimento; elas não podem prosseguir com a busca da verdade antes da busca pelo significado ter sido bem sucedida. Dessa maneira, a filosofia é um fator extremamente importante dentro da ciência e merece efetivamente portar o nome de “a rainha das ciências”.

A rainha das ciências não é ela própria uma ciência. É uma atividade que é necessária a todos os cientistas e perpassa todas as suas outras atividades. Mas, todos os problemas reais são questões científicas, e não existem outros.

E qual é o problema com essas grandes questões que têm sido consideradas como especificamente filosóficas ao longo de tantos séculos? Aqui devemos distinguir dois casos. Em primeiro lugar, existem muitas grandes questões que parecem questões porque são construídas de acordo com uma certa ordem gramatical, mas que, apesar disso, não são questões reais, uma vez que se pode facilmente mostrar que as palavras, do modo como são colocadas em conjunto, não fazem sentido lógico.

Se pergunto, por exemplo, “é o azul mais idêntico que a música?”, vocês perceberão imediatamente que não há sentido nessa sentença, embora a mesma não viole as regras da gramática [*portuguesa*]. A sentença não é, de modo algum, uma questão, mas apenas uma série de palavras. Ora, uma análise cuidadosa mostra que esse é o caso da maior parte dos ditos problemas filosóficos. Eles parecem questões e é bastante difícil reconhecê-los como sem sentido; mas, uma análise lógica prova que são meramente algum tipo de confusão de palavras. Após ter-se descoberto isso, a questão em si desaparece e tranquilizamo-nos em nossas mentes filosóficas; sabemos que não pode haver respostas porque não existem questões, que os problemas não existem mais.

Em segundo lugar, existem alguns problemas filosóficos que são questões reais. Mas, acerca desses, pode-se sempre mostrar, por análise lógica, que eles podem ser solucionados pelos métodos da ciência; embora possamos não ser capazes de aplicar esses métodos, no presente, por razões meramente técnicas. Ao menos, podemos dizer o que teria de ser feito para responder à questão, ainda que não possamos realmente fazê-lo através dos meios disponíveis. Em outras palavras: problemas desse tipo não têm caráter filosófico especial, mas

são simplesmente questões científicas. Eles são sempre passíveis de resposta, em princípio, se não na prática, e a resposta pode ser fornecida apenas pela investigação científica.

Assim, o destino de todos os ‘problemas filosóficos’ é este: alguns deles desaparecerão por ser provado que são erros e uma má interpretação da nossa linguagem; os outros serão considerados questões científicas ordinárias disfarçadas. Essas observações, penso, determinam todo o futuro da filosofia.

Muitos grandes filósofos reconheceram a essência do pensamento filosófico com relativa clareza, embora não tenham fornecido uma expressão elaborada para tal. Kant, e. g. costumava dizer, em suas aulas, que a filosofia não pode ser ensinada. Entretanto, se ela fosse uma ciência como a geologia ou a astronomia, por que não deveria ser ensinada? Seria, de fato, bastante possível ensiná-la. Kant, portanto, tinha algum tipo de suspeita de que não se tratava de uma ciência quando ele enunciava “a única coisa que posso ensinar é filosofar”. Usando o verbo e rejeitando o nome, Kant indicava claramente, embora quase de modo involuntário, o caráter peculiar da filosofia como uma atividade; portanto, tendo, em parte, como consequência o fato de contradizer seus próprios livros, nos quais ele tenta edificar a filosofia à maneira de um sistema científico.

Um exemplo similar do mesmo *insight* é fornecido por Leibniz. Quando ele fundou a Academia Prussiana de Ciência, em Berlim, e esquematizou os projetos para sua constituição, dedicou a todas as ciências um lugar naquela, mas a filosofia não era uma delas. Leibniz não encontrou lugar para a filosofia no sistema das ciências, porque ele estava evidentemente ciente de que a filosofia não é uma busca de um tipo particular de verdade, mas uma atividade que deve perpassar toda busca pela verdade.

A posição que estou defendendo tem sido, no momento presente, mais claramente expressa por Ludwig Wittgenstein; ele enuncia sua opinião nesta sentença: “o objeto da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos. A filosofia não é uma teoria, mas uma atividade. O resultado da filosofia não é um número de ‘proposições filosóficas’, mas tornar as proposições claras.” Essa é exatamente a posição que venho tentando explicar aqui.

Podemos, agora, compreender historicamente por que a filosofia podia ser considerada como uma ciência muito geral: ela era mal compreendida dessa maneira porque o ‘significado’ das proposições poderia parecer algo bastante geral, visto que, de algum modo, ele constitui o fundamento de todo o discurso. Podemos, também, compreender historicamente por que em tempos passados a filosofia foi idêntica à ciência: foi porque, naquele momento, todos os conceitos que eram usados na descrição da palavra eram extremamente vagos. A tarefa da ciência foi determinada pelo fato de que não havia conceitos

claros. Eles tinham de ser esclarecidos por um desenvolvimento lento; o principal esforço da investigação científica tinha de ser direcionado para esse esclarecimento, i. e. o esforço tinha de ser filosófico, com nenhuma distinção podendo ser feita entre ciência e filosofia.

No momento presente, também encontramos fatos que provam a verdade de nossos enunciados. Em nossos dias, certos campos específicos de estudo, tais como a ética e a estética, são chamados “filosóficos”, e são supostos como parte da filosofia. Entretanto, a filosofia, sendo uma atividade, é uma unidade que não pode ser dividida em partes ou em disciplinas independentes. Por que, então, essas buscas são chamadas de filosofia? Porque elas são as únicas que estão no início do estágio científico; e penso que isso é verdadeiro, até certo ponto, também sobre a psicologia. A ética e a estética certamente não possuem ainda conceitos suficientemente claros, a maior parte do seu trabalho sendo ainda dedicada ao esclarecimento dos mesmos; portanto, pode ser corretamente chamada filosófica. Mas, no futuro, irão, obviamente, tornar-se parte do grande sistema das ciências.

É esperança minha que os filósofos do futuro perceberão que é impossível para eles adotar os métodos dos cientistas, ainda que exista alguma similaridade externa. A maior parte dos livros de filosofia parece a mim, devo confessar, ridícula quando julgada a partir de um ponto de vista mais elevado. Eles têm todos a aparência de serem livros extremamente científicos porque eles parecem usar a linguagem científica. Entretanto, a descoberta do significado não pode ser feita do mesmo modo que a descoberta da verdade. Essa diferença tornar-se-á muito mais clara no futuro. Há uma boa dose de verdade na maneira em que Schopenhauer (embora seu próprio pensamento pareça a mim, efetivamente, bastante imperfeito) descreve o contraste entre o verdadeiro filósofo e o acadêmico que considera a filosofia como uma matéria de busca científica. Schopenhauer teve um *insight* quando falou com demérito da “filosofia professoral dos professores de filosofia”. Sua opinião era aquela de que não se deve tentar ensinar filosofia de modo algum, mas apenas a história da filosofia e a lógica; e boas razões podem ser apresentadas em favor dessa posição.

Espero não ter sido mal compreendido como se estivesse defendendo uma separação real entre o trabalho científico e o filosófico. Ao contrário, na maior parte dos casos, os futuros filósofos terão que ser cientistas porque será necessário, para eles, ter um certo objeto sobre o qual trabalhar – e encontrarão casos de significado confuso ou vago, particularmente, nos fundamentos das ciências. Mas, obviamente, o esclarecimento do significado será necessário também em uma série de questões com as quais nos preocupamos em nossa vida humana ordinária. Alguns intelectuais, e talvez algumas das mais poderosas mentes entre eles, podem ser especificamente capacitados para esse domínio prático. Em alguns casos, o filósofo

pode não ter que se um cientista – mas, em todos os casos ele terá que ser um homem de entendimento profundo. Em resumo, ele terá que ser um homem sábio.

Estou convencido de que nossa posição sobre a natureza da filosofia será, de maneira geral, adotada no futuro; e a consequência será a de que não mais se tentará ensinar a filosofia como um sistema. Ensinaremos as ciências especiais e sua história dentro do verdadeiro espírito filosófico da busca pelo esclarecimento e, ao fazer isso, desenvolveremos a mente filosófica das gerações futuras. Isso é tudo que podemos fazer, mas será um grande passo no progresso mental de nossa espécie.